

Planalto vive clima de tensão

Villas-Bôas Corrêa

"Vivemos todos no Governo sob a tensão de que, a qualquer momento, seremos convocados a tomar uma grave decisão". A aguda observação de um dos Ministros da Casa, com lugar certo na Reunião das 9, transmite um flagrante preciso do clima de angústia em que vive mergulhado o Palácio do Planalto, fechado por entre os seus muros de silêncio desde a explosão da bomba do Riocentro.

Ninguém mais tenso, mais trancado num mutismo que contraria o seu temperamento expansivo, do que o Presidente João Figueiredo. Ele obedece à risca a linha estratégica que foi traçada de bocas fechadas até que o Governo possa falar. Até à conclusão do IPM no I Exército, que rola cá fora, depois da troca do Coronel incumbido de dirigir as apurações, envolto nas suspeções espalhadas pelas muitas marchas e recuos e pelas contradições de todo um noticiário dirigido para preparar o "público interno" para acolher uma versão conveniente.

Pisa-se de leve nos corredores palacianos, conversa-se baixo, como se a família estivesse convivendo com um doente desenganado ou muito grave e engolisse as preocupações buscando dissimulá-las.

Mas, como o Governo está todo cultivando a desconversa, as informações são cada vez mais escassas e na Reunião das 9 não se fala das bombas. Este é um tema tabu, assunto proibido. Se o Presidente não toma a iniciativa de romper a casca dos constrangimentos, claro que ninguém se anima a provocar confidências. O que se sabe no Palácio é segredo de conversas a dois. Nunca de notícias que circulem ainda que nas reservas de ambientes restritos.

Há um esforço visível para sustentar as atividades do Governo num nível razoável de normalidade. Não como quem finge que não há nada. Mas dentro da preocupação de não se deixar abater por pessimismo, como se o Planalto se tivesse contaminado de mal incurável.

Mesmo cortando os fios de ligação com o exterior — não todos, mas muitos deles — o General Golbery do Couto e Silva busca reativar os entendimentos políticos, incentivando o PDS a não se deixar abater e a tocar o barco, pois que a vida continua.

Curiosamente, o isolamento do Palácio imposto pela cortina da bomba está protegendo das babilónticas da Oposição articulações que aceleram algumas decisões sobre a reforma eleitoral. Já está bastante claro que o Governo ficará mesmo ai pelas redondas da sublegenda para governador, com a vinculação do voto até onde for possível e mais o voto facultativo. Proibir configurações é apenas uma pretensão de execução impossível. E o voto distrital ficou, para um segundo tempo. A reforma vai sendo nodada dos excessos e caindo na realidade do possível. Dificilmente teremos muito mais do que um fecho modesto de casuismos para atender aos apertos do PDS.